

TRIPLEX FUNICULUS DIFFICILE RUMPITUR



BOLETIM DA UNIÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO ESPÍRITO SANTO
N.º 195 JULHO A SETEMBRO 2019

Redação e Correspondência:

A. Carvalheira-UNIASES
Apartado 1098
4741+908 BRAGA
Tel. 253 951 257

Diretor:

Alberto Melo
Chefe de Redação:
Francisco Pinto
E-mail:
ases@portugalmail.pt

Propriedade:

União dos Antigos Alunos do Espírito Santo

Distribuição:

ASES

Periodicidade:

Trimestral - Reg. no I.C.S. n.º 112314

Tiragem:

1650 Exemplares
Assinatura Anual: 5,00 €
Composição e Impressão:
Tadinense - artes gráficas
www.tiptadinense.pt

EDITORIAL

Cem anos entre dois outubros

Setembro de 1919. O P. Moysés Alves de Pinho retorna a Portugal com uma difícil missão: restaurar a província portuguesa dos espiritanos, depois de mais de oito anos de dispersão, com casas confiscadas, missionários expulsos do país ou obrigados a refugiarem-se nas suas famílias, confiando essa obra da restauração ao Sagrado Coração de Jesus. O que restava era os escombros e a esperança missionária de quem confia no Espírito Santo! Ao mesmo tempo, no fim de novembro de 1919, o Papa Bento XV publicava uma encíclica missionária histórica, que continha em embrião uma série de elementos verdadeiramente inovadores: a superação dos interesses estritamente institucionais dos institutos missionários, para valorizar as Igrejas locais e promover o clero autóctone; a ideia claramente afirmada de que a liderança da Igreja deveria poder ser assumida por agentes pastorais locais; a contestação de uma superioridade cultural europeia e a promoção das identidades culturais locais. O desenvolvimento e amadurecimento destas ideias iria dar corpo, algumas décadas mais tarde, a um novo pensamento missionário, que fortalece grandes mudanças históricas: as libertações nacionais do jugo dos colonialismos europeus; a compreensão da missão, não como uma mera extensão tentacular das igrejas europeias, mas como uma real participação na missão de Deus, atuante em todos os povos e convidando à mobilidade, à abertura e encontro entre povos e comunidades cristãs, de modo multipolar; a valorização das Igrejas locais nos cinco continentes, com os seus bispos, presbitérios e estruturas próprias, dando à Igreja Universal as suas contribuições peculiares, num plano de igualdade e comunhão de todos com todos.

Cem anos volvidos, os desafios dos espiritanos e da Igreja encontram inspiração nestes tempos de inovação: quando o Papa Francisco convida a um mês missionário (outubro de 2019, assinalando o centenário daquela encíclica missionária), ele não quer apenas uma qualquer comemoração panfletária de um documento ou de um assunto na Igreja: ele convida-nos a rever as nossas posturas, a abrir-nos à reforma, a perceber que precisamos de nos descentralizarmos de nossos etnocentrismos (ainda tão tristemente presentes!) e apegos, para nos abirmos à liberdade dos filhos de Deus e à agilidade da Missão.

Com D. Moysés, cem anos depois, os espiritanos enfrentam uma dupla realidade: por um lado, o desmoronamento de estruturas e certezas; por outro, a empolgante esperança da construção que, sendo obra do Espírito, só nos pode levar muito longe na grande aventura da Missão!

Pedro Fernandes, Cssp
Sup. Provincial

MAGUSTOS

DOMINGO - 10 DE NOVEMBRO

SEMINÁRIO DA SILVA - 10h-17h
Família espiritana

Participação ativa dos ASES-JSF-FRATERNIDADES-MOMIP

Confirmação: ases@portugalmail.pt | Tel. 919 441 970

CENTROS DE ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA
Bragança – Porto - Coimbra - Torre d'Aguilha

Este ano não haverá MAGUSTO em OLEIROS.
Convidamos todos os ASES do Minho e Douro a participar no Magusto Missionário na SILVA

SEMINÁRIO DE FRAIÃO

SÁBADO - 16 DE NOVEMBRO

ENTRADA NO FRAIÃO HÁ 50 ANOS
BODAS DE OURO 1969/2019

ENTRADA NO FRAIÃO HÁ 25 ANOS
BODAS DE PRATA 1994/2019

Inscrições: Ver página 7

PROJETO MAAES

MEMÓRIAS DOS ANTIGOS ALUNOS DO ESPÍRITO SANTO

Participa neste projeto com o teu contributo

Ver página 5

A todos os Ases e seus familiares desejamos um FELIZ ANO 2020 cheio de SAÚDE, ALEGRIA, ESPERANÇA, UNIÃO, AMOR E PAZ

SOLTAS... E BREVES

Alberto Melo - Godim 1955

PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA



Realizou-se no primeiro fim-de-semana de julho, próximo passado, a grande e anual peregrinação da Família Espiritana a Fátima, integrada num contexto universal da celebração/comemoração de um Ano Missionário (de outubro de 2018 a outubro de 2019), declarado pelo Papa Francisco para assinalar o centenário da Carta Apostólica *Maximum Illud* do Papa Bento XV:

«A grande e sublime missão que Jesus Cristo confiou aos seus discípulos quando lhes disse “Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16, 15), não podia terminar com a morte dos apóstolos, mas devia (e deve) continuar através dos seus sucessores até ao fim dos tempos... A Igreja de Deus, fiel ao mandato divino, nunca deixou, através dos tempos, de enviar a todo o mundo arautos e ministros da palavra divina que anunciassem a salvação eterna alcançada por Cristo para o género humano»...

Esta peregrinação, realizada em ano missionário, congregou “num só corpo e numa só alma” uma boa parte da família espiritana que ali se deslocou para louvar a Virgem Maria e agradecer e renovar o compromisso missionário, assumido desde os primórdios da Congregação, atestado, pesem as vicissitudes ao longo dos tempos, na fundação, acompanhamento de missões e comunidades espalhadas pelo mundo. Neste contexto, presidiu a esta peregrinação anual o bispo de Cabinda (Angola) D. Belmiro Chissengueti, também ele espiritano.

A presença de Antigos Alunos (ASES) foi modesta, esperavam-se alguns mais. A seu modo, participaram nas diversas etapas da jornada e foi com gosto que apreciámos a colaboração na distribuição da comunhão no decorrer da Eucaristia de Domingo.

Sinal visível de uma presença, que não passou despercebida, foi a incorporação da nossa bandeira/estandarte nas procissões realizadas no recinto do santuário.

Ao voluntarioso Rodrigues Ferreira (V57), o nosso louvor, pelo pundonor e seriedade demonstrada na condução do nosso símbolo nos dias da peregrinação. No fecho deste Ano Missionário, em outubro de 2019, Mês Missionário Extraordinário, procuremos marcar presença com o testemunho «Todos, Tudo e Sempre em Missão»

CAPÍTULO GERAL DAS IRMÃS ESPIRITANAS

Decorreu em Fátima, de 3 a 29 de agosto, na Casa das Irmãs Dominicanas, o 15º Capítulo Geral das Irmãs Espiritanas, em que as capitulantes, após quase três semanas de reflexão e oração, elegeram, a 21 de agosto, a Irmã Olga Maria dos Santos Fonseca, portuguesa, como sua Superiora Geral, missão que exercerá nos próximos seis anos.

A irmã Olga, de 52 anos de idade, nasceu em Fânzeres/Gondomar, em março de 1967, tendo feito a sua primeira Profissão Religiosa em 25 de agosto de 1991 e os Votos Perpétuos em 1999. Missionária na República Centro Africana (1993 a 1998), depois no Congo Brazzaville (2004...), seria eleita Conselheira Geral da Congregação em 2007, e reeleita no ano de 2013, assumindo o cargo de 1ª Assistente Geral. A Irmã Olga será acompanhada na animação da Congregação por quatro Irmãs também eleitas neste Capítulo Geral e que constituem o Conselho Geral.

A Irmã Agnès Simon-Perret (1ª Assistente Geral) nasceu em França em 1960. Médica pediatra de profissão, emitiu os Primeiros Votos em 1998. Missionária no Haiti e na Nigéria e atualmente encontra-se nas Filipinas (Mindanao);

A Irmã Etelvina Mendes Tavares, cabo-verdiana, nasceu em 1960, professou em 1986 e fez os Votos Perpétuos em 1993. Missionária em Cabo Verde, Angola e Camarões, Congo e Senegal. Foi nomeada para o Brasil em 2015, onde se encontra hoje;

A Irmã Honorine Woya, nasceu em 1969, nos Camarões. Professou em 2001 e foi missionária no Senegal, onde esteve até 2011. Fez os Votos Perpétuos em 2007. Depois do Senegal, foi Ecnónoma dos Camarões até 2016. Em 2016 foi enviada em Missão para o Haiti, onde é a responsável das Espiritanas;

A Irmã Maria Aparecida Meireles Cardiais, brasileira de Minas Gerais, nasceu em 1973. Fez a Primeira Profissão Religiosa em 1998 e a Profissão Perpétua em 2009. Iniciou a sua Missão no Brasil, mais tarde, de 2007 a 2014, trabalhou no Gana. Atualmente no Brasil, assegura a responsabilidade da animação das Irmãs Espiritanas que trabalham neste Distrito.

De realçar que a Congregação das Irmãs Missionárias do Espírito Santo foi fundada em França por Maria Eugénia Caps (1892/1931) em janeiro de 1921, em dia da Festa da Epifania do Senhor. Vai celebrar o seu centenário em 2021, tendo à frente dos seus destinos a portuguesa Irmã Olga.

SÍNODO ESPECIAL PARA A AMAZÓNIA

Alarmados pelos incêndios que devastam grande área da Amazônia e outras regiões do mundo, o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), através do seu Presidente, Mons. Miguel Cabrejos Vidarte (Arcebispo de Trujillo/Peru) fez publicar, em 22 de agosto de 2019, com anuência dos restantes membros do CELAM (Arcebispo de S. Paulo/Brazil, Arcebispo de Manágua/Nicarágua, Arcebispo de Monterrey/México, e Bispo Auxiliar de Cali/Colômbia) um comunicado alarmante para exprimir a sua inquietude e angústia, pedindo a intervenção rápida dos governos e da comunidade internacional de que são exemplo o Acordo de Paris de 2015, as cimeiras da ONU, as manifestações sem conta que relembram os grandes problemas por que passa o planeta Terra, nossa casa comum.

Com o Sínodo dos Bispos da Amazônia pretende chamar-se também a atenção não só para a ecologia, mas também para a Igreja local. O que suscita desde já uma certa controvérsia em questões teológicas como a nomeação de consagrados de indígenas amazónicos que se adivinha pelo tema a debater sobre os novos caminhos da Amazônia para a Igreja e para uma ecologia integral.

Segundo o Papa Francisco, trata-se de refletir sobre a missão da Igreja junto das comunidades autótonas da Amazônia e o seu contributo para uma ecologia ambiental e social num contexto pluricultural e plurirreligioso.

“A Assembleia Especial para a Região Pan-Amazónica é chamada a encontrar novos caminhos para fazer crescer o rosto amazónico da Igreja e também para responder às situações de injustiça da região, como o neocolonialismo configurado pelas indústria extrativas, pelos projetos de infraestrutura que destroem a sua biodiversidade, e pela imposição de modelos culturais e económicos estranhos à vida dos povos”. (*Instrumentum Laboris*, 12) – Documento preparatório do Sínodo para a Amazônia.

Convém, pois, prestar atenção ao desenrolar dos acontecimentos que terão lugar no Vaticano de 6 a 27 de outubro de 2019.

ONDA DE SOLIDARIEDADE – BEIRA/MOÇAMBIQUE

A Onda de Solidariedade a favor dos Missionários Espiritanos em Moçambique, motivada pela passagem do ciclone Idai, que varreu e destruiu grande parte da zona da Beira, onde se incluía a Missão propriamente dita e o Seminário (Ver UNIASES nº 193 e 194) continua a alimentar-se de depósitos lançados na conta, para o efeito constituída, e de que nos dá conta o Procurador Espiritano das Missões, Padre Casimiro de Oliveira.

Se, na verdade, o saldo apresentado no anterior Boletim 194 se cifrava num total de 162.503,58 € à data de 15 de junho,

hoje, (23 de setembro) esse valor foi aumentado para um valor total de 178.516,08 €.

Todas as remessas são bem-vindas para aplicação nas situações que os missionários espiritanos consideram de extrema gravidade na sua esfera de ação/missão, nomeadamente na Beira, indo de encontro à ajuda das populações mais carentes, sem esquecer a causa e casa próprias de que são exemplo a Casa Espiritana (seminário) da Beira e a Igreja da Paróquia, que os mesmos missionários têm a seu encargo, tanto espiritual como materialmente.

Da Procuradoria espiritana das missões transmitimos o “agradecimento” pela generosidade de tantos amigos que corresponderam ao apelo a favor do povo moçambicano que tudo ou quase tudo perdeu à passagem do ciclone tropical Idai em março de 2019.

8 DE SETEMBRO

O dia 8 de setembro constitui-se tradicionalmente como um dia importante e sagrado na vida dos espiritanos, pois celebram e fazem a sua primeira profissão religiosa de votos temporários, e a sua renovação.

Em ano da comemoração do centenário da Restauração da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo, fizeram a sua profissão religiosa três jovens de Cabo Verde, de seu nome: Alexandre Gomes Cardoso, Edmilson de Jesus Alves e João Lucas Duarte Borges; renovaram o seu compromisso: Atanásio Rodrigues Tavares e José Augusto Tavares da Silva, também cabo-verdianos. Muitos outros membros da Congregação celebraram os jubileus de sua consagração pela passagem de 60 e 50 anos da sua Ordenação Presbiteral ou recordaram os seus 80, 75, 70, 50 e 25 anos de Profissão Religiosa.

Saliente-se a resposta afirmativa de alguns Antigos Alunos (ASES) ao convite do Pe. Provincial, que se dignaram marcar presença na grande Festa celebrada a 8 de setembro.

De referir, embora fora deste contexto, que, após o almoço, se fez uma reunião conjunta CSSp/ASES/MAAES para se fazer o ponto de situação e proceder ao relançamento do projeto MAAES que parece estar adormecido, de que daremos conta no próximo UNIASES n.º 196.

facebook

Pede adesão ao nosso grupo

UNIASES - União dos Antigos Alunos do Espírito

Informando: nome completo, ano de entrada e e-mail.

PAGAMENTO DE QUOTAS E OUTROS ATOS DE TESOURARIA

Efectuar Transferência para :

PT50 0035 2008 0003 8874 9303 5

Não esquecer: Indicar no Descritivo: Nome completo ou nº de Ás

Ou Depósito na conta (numa Agência da CGD):

Nº 2008 038874 930

LUSOFONIAS (Julho de 2019)

Tony Neves

VALHA-NOS S. BARTOLOMEU



Não me refiro ao apóstolo que já nos vale há dois mil anos! Refiro-me a S. Bartolomeu dos Mártires (1514-1590), a quem o Papa Francisco acaba de canonizar sem exigir milagre,

pois o grande milagre da sua vida é o rasto de inspiração que nos deixa e empenha para um estilo de vida cristã simples e próxima dos mais pobres.

A vida e missão episcopal de S. Bartolomeu inspira muitas das opções e orientações que o Papa Francisco tem proposto à Igreja e ao mundo. Começamos pelo seu olhar cirúrgico da Igreja do seu tempo: percebe-a neste navegar em águas agitadas, após uma reforma protestante que tinha posto a Igreja católica à deriva e a Europa em guerra. Ele vai à 2ª sessão do Concílio de Trento (1561-1563) e é um dos defensores abertos e declarados de uma profunda reforma da Igreja católica, pois – segundo ele – a hierarquia deve optar por um estilo de vida mais simples. D. Jorge Ortiga, seu sucessor como Arcebispo de Braga, diz-se marcado pelo novo Santo: ‘tal como no século XVI, vivemos hoje uma situação de crise, debilidades e fraquezas que importa olhar de frente, encarar nos seus contornos e discernir o que devemos fazer para encontrar atitudes novas e responder aos desafios que se colocam’.

Os tempos de S. Bartolomeu eram difíceis e, por isso mesmo, desafiantes. Tornava-se urgente descobrir profetas que rasgassem caminhos de futuro. A credibilidade da Igreja estava em causa. Tornava-se fundamental e decisivo formar melhor os padres e os leigos. Mas, sobretudo, era necessário redescobrir a simplicidade do Evangelho e voltar ao espírito de vida simples e pobre que caracterizou a missão das primeiras comunidades cristãs. E S. Bartolomeu encarnava bem este desejo de mudança, ao estilo de Cristo e das Suas propostas gravadas nas páginas dos Evangelhos.

Como Bispo, percorreu o vasto território da Diocese de Braga de então (incluía também Viana, parte do Porto, Vila Real e Bragança...). Não era bispo de ficar por casa fechado no seu palácio a debitar leis para padres e fiéis cumprirem. Não! Era homem do terreno, gostava de ‘cheirar às suas ovelhas’, fazia longas visitas pastorais, conhecia como ninguém o povo que lhe estava confiado. E sabia que os pobres abundavam. Por isso, vivia com muita pobreza e austeridade, partilhando tudo o que podia com os mais necessitados. Era o pai dos pobres daquela terra naquele tempo. Está escrito que, no período da grande peste, ele próprio saía à rua para socorrer as vítimas, correndo o risco de ser contaminado.

Durante anos, às terças-feiras, celebrei Missa na Basílica dos Mártires em Lisboa, na paróquia e freguesia que viu nascer este santo. Lá está, bem visível, um grande quadro com a foto do Frei que dali rumou aos dominicanos, sendo depois Arcebispo de Braga. Celebrar ali e olhar para o seu rosto também marcou a minha vida de padre.

Em tempos de crise como o dele e o nosso, fazem falta figuras que surjam como luzes no meio de trevas e sombras. Ontem como hoje, a Igreja e o mundo precisam de profetas, gente simples e desprendida que saiba apostar no essencial: a salvação! Sim, uma salvação que também ajude a combater pobreza e misérias humanas, que mantêm nas periferias e margens da história milhões e milhões de pessoas. Valha-nos e inspire-nos S. Bartolomeu!

DAKAR COM HISTÓRIA (S)



A cidade de Dakar transpira história por todos os cantos, seja em terra firme, seja no mar imenso por onde chegaram

e partiram milhões de pessoas ao longo dos séculos.

Os primeiros europeus a acostar foram os navegadores portugueses, claro. Dinis Dias chegou em 1444 e começou logo o tráfico de escravos, a partir da Ilha de Gorée, hoje Património da Humanidade, por más razões. Depois dos portugueses, vieram holandeses, ingleses e franceses, mas a sorte do povo local não foi melhor. Só em 1848, a França aboliu a escravatura.

Os Espiritanos participantes no Encontro Mundial de Formadores, vindos dos quatro cantos do mundo, fizeram uma visita-peregrinação a esta emblemática Ilha da desgraça e do adeus definitivo a África para muitos escravos.

O espaço mais doloroso é a Casa dos Escravos que se visita em silêncio. Ali está ‘escrita’ uma das páginas mais dolorosas da história da humanidade: a escravatura. Dói ver os espaços onde ficavam três ou quatro meses os homens, as mulheres e as crianças, enquanto esperavam pelos barcos negreiros que os levariam à Europa, à América ou à morte, naquele triste adeus definitivo à África que os viu nascer. Os doentes não embarcavam, pois eram atirados ao mar. Dói, sobretudo, olhar para aquela porta que dá para o mar, onde, em 1992, o Papa João Paulo II se deixou fotografar a olhar para o Atlântico. A Casa dos Escravos é um lugar de memória, um santuário aberto a todos os peregrinos do mundo. E são muitos, todos os dias, pois é impensável visitar o Senegal sem ir à Ilha de Gorée. Atravessar o mar era um pesadelo que durava de 6 a 12 semanas, como sardinhas em caixa.

João Paulo II também esteve na Igreja da Ilha. Ali rezou: ‘Deste santuário africano da dor dos negros, nós imploramos o perdão do céu’. Os Bispos de toda a África também ali peregrinaram em 2013 e fizeram uma celebração de penitência e reconciliação. Os Formadores Espiritanos, após visita guiada à Casa dos Escravos, celebraram a Missa na Igreja, em português, porque a primeira escravatura foi realizada por portugueses.

Além da Ilha de Gorée, visitámos a

maior estátua de África, o monumento ao Renascimento da pessoa africana, um conjunto escultural de enorme dimensão. Fomos, por fim, à Catedral de Dakar, construída com apoios obtidos pelo P. Daniel Brottier, um Espiritano que o Papa João Paulo II beatificou.

O Senegal é um país muçulmano, com 94% de islâmicos e apenas 4% de cristãos. Mas é um dos raros bons exemplos de coabitação entre estas comunidades religiosas, fraternidade que é importante manter, pois, nos países vizinhos e no resto do mundo, têm sur-

gido muitos grupos fundamentalistas que deitam tudo a perder. Com um passado marcado pela escravatura e colonialismo, o Senegal vive uma época feliz de paz e progresso, que só tem a ganhar com a boa relação entre religiões e culturas.

MAAES

(MEMÓRIAS DOS ANTIGOS ALUNOS DO ESPÍRITO SANTO)

Foi promovida pelo animador desta iniciativa, Armando Ferreira (Viana 1956) uma reunião que teve lugar no Seminário da Silva no passado dia 8 de Setembro. Estiveram presentes: Pe. Pedro Fernandes, Provincial CSSP - Pe Víctor Silva, Conselho de Administração da Animação Missionária CSSP - Armando Ferreira, ASES/MAAES - Francisco Pinto, ASES/MAAES - Manuel Álvaro F. Silva, ASES/MAAES - António Rodrigues Ferreira, ASES/MAAES.

Foram abordados temas do máximo interesse para o desenvolvimento e animação do MAAES e cooperação com a LIAM.

Todos ficaram sensibilizados e conscientes para o interesse histórico desta iniciativa, ficando de continuar a aprofundar as ideias surgidas.

O Armando continuará a dialogar com os responsáveis da Congregação sobre

as futuras publicações, umas já preparadas, outras para serem implementadas. Dos ASES continua-se a esperar uma adesão constante e permanente para mantermos o nosso FUNDO com tesouraria suficiente para as publicações.

Editora MAAES CROWDFUNDING

CONTA PT50 0035 2008 0003 8874 930 35

(EXTRATO 15)

Saldo anterior (Uniases 194)

2.346,87 €

Distribuição 3º trim. 2019

AMAR

100,00 €

100,00 €

SALDO MAAES na conta ASES (30-09-2019)

2.446,87 €

CANTINHO DA POESIA

O CARACOL

O caracol é filho da noite e do orvalho.
Os seus tentáculos são lanternas
que o sol noturno acende, vigilantes.
A sua baba abre caminhos inverosímeis,
mas depressa denunciados.
A natureza oferece-lhe verduras amigas,
que ele aceita com a cerimónia
de quem se faz hóspede por umas horas.
Enche-se então o seu estômago
de verde e gratuita frescura.
Deixar apenas deixa a saliva
como presença garantida.
Depois, é o sono de bichinho farto,
abrigado em fresco refúgio de pedra,
até que a noite amiga,
num gesto maternal,
o desperte para a vida
com a sua clara escuridão.
O caracol é irmão da lesma,
mas esta, preguiçosa,
não carrega a casa às costas

e prefere defender-se sem armadura.
O caracol odeia a tirania do sol
e por isso se recusa a sair
enquanto o inimigo não dá de costas,
cansado já de vencer a escuridão.
Como não ouve,
não escuta os passos da morte.
Como não conhece os humanos,
não imagina sequer
que poderá acabar os seus dias,
dramaticamente,
a fazer creme de beleza
ou ir parar à panela odorosa
ou ainda sofrer as dores de estômago
trazidas por um veneno azul e guloso
e, destarte, se render, desfalecido,
às formigas vorazes que rondam
por ali, irrequietas.

Comer e ser comido –
eis a sorte do inocente caracol!

António Luís Pinto da Costa, Godim, 1956

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

...Respostas Breves

Alberto Melo - Godim 1955

EDIÇÃO DIGITAL

Gostaríamos que muitos mais Antigos Alunos preferissem o envio do nosso Boletim UNIASES via Internet em modo PDF (Formato de Arquivo de Documentos) portátil e facilmente manuseável.

Sempre se poupariam uns euritos e contribuir-se-ia para um ambiente mais saudável eliminando folhas de papel que, muitas das vezes, andam dispersas pelos quatro cantos da casa a ocupar espaço e que nem sempre aparecem quando delas precisamos.

Com a receção do UNIASES em modo PDF, fácil se torna o seu arquivo em ficheiros bem legíveis e bem arrumadinhos numa "pasta" criada para o efeito a gosto pessoal.

Tudo isto vem a propósito do pedido manifestado por cerca de uma trintena de ASES a quem era enviado por via postal o nosso Boletim; afinal, um pequeno número num universo de centenas de envios pelos tradicionais serviços dos CTT.

FACEBOOK UNIASES

Mais do que o número de seguidores, o Grupo UNIASES no Facebook é fechado e destinado apenas a quem frequentou algum dos seminários da Congregação do Espírito Santo e tem como finalidade a aproximação dos seus Antigos Alunos e a comunicação entre si.

A quem fez o seu pedido de adesão e o mesmo ainda não foi satisfeito, solicitamos que respondam às mensagens enviadas para finalizar o processo.

Afonso Santos Pereira

G46

Escreve-nos a contar que leu com muito agrado o nosso Boletim nº 194. Uma palavra de parabéns para todos os que, com mestria, nos descreveram e relataram os encontros realizados.

As notícias tristes, quando dizem respeito a pessoa conhecida e muito

amiga, causam-nos maior dor. Foi o que aconteceu com a morte do Fernando Malheiros, meu colega de ano desde o 1º até ao final do 1º de Teologia na Torre d'Aguilha, em 1956.

Agradecemos os elogios... interessante seria que todos investissem os talentos recebidos na passagem pelas casas espiritanas de formação e nos mimoseassem com trechos de prosa/poesia a dar mais encanto ao nosso Boletim.

Alberto Maia Gomes

G46

Através de sua filha Ercília comunicamos o seu novo endereço: Rua Prof. Manuel José Pereira, BL 406 – 02 AE CALDAS DAS TAIPAS - 4805-128 GUIMARÃES. Agradecemos a informação, que atualizámos, de modo que o próximo UNIASES não se engane onde deva ser entregue. Supomos que também já estará de posse do contacto, em tempo comunicado, do amigo Isaú, muitas vezes lembrado. Sempre ao dispor.

P. Firmino da C. Sá Cachada

V56

Pedimos ao P. Firmino Cachada uma impressão sobre o que se passava na Amazônia, nomeadamente na região de Amazonas/Brasil, dado que vive nesse meio, e, como missionário espiritano, tem percorrido grande parte dessa zona e está ao par dos acontecimentos. Não esperámos muito por uma resposta sobre o tema de que transcrevemos:

Primeiro, tinha decidido não escrever nada, porque os ânimos andam tão exacerbados e há todo um discurso histórico à volta do assunto que parece que isto está mesmo tudo a arder e todos os amazonenses são culpados. Olhando para as fotos de satélite dos últimos dias, a que se referia o fogo, das dezenas de focos de incêndio apenas havia 2 lá no sul do Amazonas, no Acre, a uns bons mil quilómetros daqui. Não quer dizer que aqui a gente não se interesse pelo assunto, como poderás ver no

texto que escrevi, onde falo do trabalho dos Espiritanos na consciencialização para a proteção do meio ambiente. O assunto é tão vasto que acabei por escrever página e meia e acho que ainda faltou muita coisa por dizer. Faz o que achares melhor. Ver artigo completo: AMAZÓNIA, UM PULMÃO A PROTEGER, na página 8 do presente nº 195.

Agradecemos o contributo, neste tempo conturbado, e em cima da realização do Sínodo sobre a Amazônia a realizar-se no Vaticano em outubro do corrente ano.

Francisco da Cunha Pinto

V56

Recebemos carta em que o Tesoureiro, incansável obreiro na preparação dos Encontros jubilares dos 50 anos após a entrada pela primeira vez nos seminários, ditos menores (Godim, Viana, Fraião), manifesta o seu desalento pela pouca ou nenhuma adesão à publicidade de tais eventos.

Referindo o caso concreto da entrada em Godim no ano de 1969/70, cuja lista, incluída no UNIASES do último trimestre de 2018, foi enviada a todos desse ano sem que até ao momento (23 de setembro) tenha recebido 'feedback', tão pouco da parte dos colegas sugeridos para fazerem chegar a convocatória aos demais condiscípulos de ano.

Será porque o dia seguinte (6 de outubro), dado às legislativas, ficando encurtado assim esse fim-de-semana dos que residem longe de Godim mas que gostariam, ao mesmo tempo, de fazer uma deslocação à terra natal para visitar familiares e rever amigos ou colaborar nas fainas outonais?

Espera-se que no próximo ano se juntem aos do curso de 1970. Desde já fica a lembrança.

Refere a insistência no convite, agora enviado por Correio Azul, obtendo como resposta a quase nula confirmação de presenças, mesmo que o evento fosse adiado para a semana seguinte.

A Direção envidará esforços para que Encontros dos Cinquentenários não se extingam ou será o princípio de uma morte anunciada? Espere-mos que não. No entanto, tenho bem presente aquela parábola do convite para uma boda em que todos, ou quase, se escusaram alegando motivos banais para justificar/desculpar a ausência.

Caro Tesoureiro, por certo que novos dias virão; convém não desistir..., mas que tudo isso desgasta, é bem verdade. Custa não ver compensado o esforço gasto em prol dos outros.

Luís Filipe Ferreira Rios V59

Quero referir aqui a sua constante comunicação via Facebook, a partir de França. Agradecemos a partilha de conselhos e ideias. Podes continuar... "Água mole em pedra dura..." acabará por haver correspondência nesse diálogo.

Gaspar Ribeiro da Costa V60

Nada que agradecer. Como sócio do MAAES adquiriste certos direitos que te conferem a gratuidade de teres alguns dos livros publicados sem mais custos.

O Tesoureiro agiu em conformidade. Manda sempre, e até uma próxima.

Manuel Rubens Ribeiro Alves G63

Informa que seu tio (meu também) Américo de Sousa Alves, padre e missionário espiritano em terras de Angola/Lunda (Saurimo e Lucapa), que se encontrava em gozo de férias

na sua terra natal (Santa Maria de Lamas/Feira), foi internado de urgência no Hospital de Gaia para uma intervenção de risco a uma dissecção da aorta... voltando no dia seguinte ao Bloco para aspiração do sangramento, que foi muito. A cirurgia correu satisfatoriamente..., mas trata-se de uma situação complicada.

Vou continuar a acompanhar de perto toda a situação, dando notícias em função da sua evolução.

Caro primo, a julgar por antecedentes, o coração atraiçoa-nos e o mal parece ter raízes na nossa família. Importa encarar com serenidade os acontecimentos e viver o dia-a-dia com a disponibilidade e entrega aos outros, a começar pela família mais próxima. Desejo sincero de melhoras na luta, todos os dias travada, em prol de melhor qualidade de vida, e que regresse rápido para junto dos seus com a saúde possível.

Manuel Fernando Faria Souto V65

Agradecemos o envio do Suplemento de "Cultura" do Diário do Minho, de 24 julho deste ano, sobre a história/artigo do Colégio do Espírito Santo, de Braga.

Sempre atento a tudo o que diga respeito aos antigos alunos do Colégio do Espírito Santo.

Já em jeito de conclusão do presente UNIASES n.º195, tentaremos espalhar o conteúdo da notícia/artigo no próximo Boletim n.º 196.

Fala-nos da sua atual situação: penso estar no último ano de ensino,

pois caminho para a idade necessária e algumas bonificações de tempo de serviço.

Os filhos, ambos no estrangeiro (um, casado com uma letã e a viver em Bruxelas; o outro, no Luxemburgo, na Amazon). Gente das engenharias industriais e gestão.

Vais a caminho dos 65 e, com mais algumas bonificações, não tardará muito que passarás para o clube dos Aposentados... que não te aborreça o tempo de "paragem".

SÁBADO - 16 DE NOVEMBRO
BODAS DE OURO
SEMINÁRIO DE FRAIÃO



ENTRADOS EM GODIM+VIANA EM 1967

INSCRIÇÕES:
Comissão Organizadora

Celestino Gonç. Pereira
963 797 944
celestino48@hotmail.com

Silvino Vilela-"Guto"
966 167 160
gutosamv@sapo.pt

Elísio Ribeiro Canedo
917 520 522
elisio.canedo@gmail.com

Albano Martins Sousa
967 944 390
albano.m.sousa@gmail.com

BODAS DE PRATA
1994/2019

ENTRADOS EM GODIM EM 1992

INSCRIÇÕES:
Comissão Organizadora

Marco Alexandre Guedes
magedes_s@hotmail.com

ERA UMA VEZ...O ENVELOPE!

JÁ NÃO HÁ ENVELOPE...

No fundo das páginas aparece um rodapé elucidativo e convidativo...
No fim do ano é tempo de "distribuir os envelopes"

Não esqueçam os ASES:

APARTADO 1098
4710-908 BRAGA

DIREÇÃO

AMAZÓNIA, UM PULMÃO A PROTEGER

Firmino Cachada ⁽¹⁾

Nestes últimos dias, a Amazónia pegou fogo nas redes sociais! “A Amazónia está a arder!” – lia-se por todo o lado, em textos acompanhados de fotos ilustrativas, algumas das quais nem tinham nada a ver com a situação, ou porque eram fotos antigas, ou de outras regiões do Brasil ou mesmo de outras regiões do mundo. O próprio presidente da França usou uma foto de 2003 para ilustrar a gravidade da actual situação!

Entendamo-nos. Não vamos negar a gravidade das queimadas na Amazónia. Mas vamos colocar de parte as demagogias e aproveitamentos políticos, de que o Brasil também está cheio neste momento. Na guerra de palavras, muitas vezes misturadas com insultos, se vai passando o tempo e o fogo político em nada ajuda a mudar a política de corrupção generalizada que tem permitido, sobretudo ao agro-negócio, ir desmatando sem controlo. Na verdade, até há mecanismos oficiais de controlo, mas que, na maior parte das vezes, não funcionam. Esse problema, aliás, não tem a ver só com o Brasil, mas também com outros países vizinhos, como a Bolívia, o Perú ou a Colômbia, já que a Amazónia também abrange esses países. Curiosamente, não se tem falado sobre a situação nesses países, como também só agora é que o mundo parece se preocupar com a situação na Amazónia brasileira.

Dito isto, acho que é preciso também entendermo-nos sobre determinados conceitos estereotipados que dizem respeito à Amazónia e igualmente sobre uma realidade que nem sempre é sujeita de informação correcta.

Para começar, recordaria que a Amazónia, com seus 5,5 milhões de km², tem uma superfície maior do que toda a Europa Ocidental e abrange 9 países, embora a maior superfície se encontre no Brasil, abrangendo 9 Estados brasileiros. Deles, o maior é o Amazonas, bem no coração de toda a Amazónia. Nada menos do que 1.571.000 km², ou seja, só umas 17 vezes maior do que Portugal! Nem sequer é neste Estado do Amazonas que aconteceram aquelas queimadas que incendiaram a opinião internacional nos últimos dias de Agosto, mas sim nas regiões periféricas da Amazónia, sobretudo a sul e a leste, onde o clima é mais seco.

Convém, por outro lado, recordar que este problema do desmatamento e respectivas queimadas nesta época do

ano, infelizmente, não é só de agora, embora seja verdade que este ano parece ter havido um aumento significativo e preocupante, talvez resultado de certas afirmações irresponsáveis daquele que actualmente preside ao governo do país. Acha que pode dizer publicamente tudo o que lhe vem à cabeça, sem pensar nas consequências daquilo que lhe sai da boca. Mas, talvez por isso mesmo, há um aproveitamento político que só complica a situação, porque dá a entender que o problema está no governo e não em interesses que vão crescendo sem controlo e usando meios destruidores e poluidores. É bom saber, também, que os incêndios na Amazónia não acontecem naturalmente, como podem acontecer, por exemplo, no sul da Europa, em tempo de altas temperaturas no verão, já que a floresta amazónica é muito verde e o solo húmido a maior parte do tempo. Também não há árvores do género pinheiro ou eucalipto, boas para alimentar o fogo. Quanto ao vento, normalmente quando ele vem é forte, mas acompanhado de chuva. A maior parte do tempo, se há vento, é muito brando. Pelo menos nesta região, que é o coração da Amazónia. Tudo isto para dizer que os incêndios estão assimilados, quase sempre, ao desmatamento ligado à exploração agrícola ou, também, à exploração madeireira e ao garimpo mineral. Os responsáveis são, pois, fáceis de identificar.

Quanto a esta região do Médio Solimões, que está praticamente no coração geográfico da Amazónia, eu diria que toda essa guerra, felizmente, é bem longe daqui, embora isso não quer dizer que o problema não exista de todo. Apesar de a exploração agrícola aqui se reduzir sobretudo, às pequenas roças familiares de subsistência e o fenómeno das queimadas e desmatamento aconteça em bem menor escala, não quer dizer que a situação não possa e não deva melhorar.

A esse propósito, devo referir que preservação foi sempre uma preocupação pastoral para a Igreja e, verdade se diga, os Espiritanos, únicos missionários presentes nesta imensa região durante quase 100 anos, tiveram um papel importante, sobretudo a partir da década de 80, não só na educação do povo para o respeito e protecção do meio ambiente, como para a definição de políticas de preservação não só da floresta, mas também dos rios



e lagos. Podemos até certo ponto afirmar que as chamadas Reservas de Desenvolvimento Sustentável (RDS) que o governo criou na Amazónia e de que eu sou conselheiro de duas delas, em nome da Prelazia de Tefé, são fruto desse trabalho de consciencialização feito pelos Espiritanos que aqui me precederam, com destaque para o Irmão Falco, espiritano holandês já falecido.

Mais haveria a dizer, mas vale a pena pelo menos lembrar que a Amazónia não é o único “pulmão do mundo”, nem mesmo o maior. Cada árvore é um pulmão, mas, segundo a Greenpeace, ainda são os oceanos os maiores produtores do oxigénio do planeta, eles mesmos também vítimas da acção humana destruidora e poluidora.

Para terminar, recordaria aquilo que o Papa Francisco sublinha na sua encíclica “Laudato Si” e que se aplica não só a quem vive na Amazónia, mas a todo o ser humano que habita e é responsável pelo futuro deste planeta Terra: “Toda a pretensão de cuidar e melhorar o mundo requer mudanças profundas nos estilos de vida, nos modelos de produção e de consumo, nas estruturas consolidadas de poder, que hoje regem as sociedades». Esperemos também para ver o que é que o Sínodo sobre a Amazónia, que vai ter lugar em Roma no mês de Outubro, vai dizer sobre esta matéria.

⁽¹⁾ Missionário Espiritano no Tefé, Amazónia, 27 Agosto 2019

VINTE DE JANEIRO... ou o cumprimento de um voto ⁽¹⁾

Um Feirense na Diáspora



Segundo o calendário gregoriano cristão evoca-se a 20 de janeiro a morte do mártir S. Sebastião, cuja história parece andar de mão dada com uma certa dose lendária. Diz-se ter sucumbido às flechas dos arqueiros da Mauritânia que vararam o seu corpo até ser dado como morto; no entanto, seria encontrado ainda com vida e tratado por Santa Irene. Recuperado de forças, voltaria a apresentar-se diante do imperador romano (Diocleciano) que o mandara trespassar pelas flechas. Este, incrédulo e enfurecido, condenou S. Sebastião a duplo martírio, mandando-o chicotear até à morte e ordenando que o seu corpo fosse atirado para a Cloaca Máxima, o local mais sórdido e ignóbil de Roma. Acabaria, no entanto, por ser retirado dali por uma mulher piedosa e crente (Luciana) sendo sepultado nas catacumbas da Via Ápia, onde hoje se situa a Basílica de São Sebastião Extramuros. O ano de sua morte também não é consensual. Se há quem aponte o ano de 288 como sendo o do seu martírio, outros situam-no bem perto do ano 300.

No séc. VII (680) as relíquias foram transladadas para uma basílica que Constantino mandara edificar. À época, Roma era assolada por terrível peste que desapareceu a partir do momento em que na Basílica foram depositados os restos mortais do santo mártir, passando a ser venerado como padroeiro contra a fome, a peste e a guerra. Em Lisboa, em 1599, e em Milão, no ano de 1755, ocorreram epidemias e que foram debeladas através da intercessão de S. Sebastião a quem o povo havia recorrido. O culto e a devoção começaram a difundir-se pela Europa como o atesta a arte (pintura) dos séculos XV e XVI que, nas telas dos pintores renascentistas, mostram a imagem do santo com o corpo desnudado e cravado de



setas como uma das mais reproduzidas na arte sacra.

O culto do santo difundiu-se e intensificou-se, no nosso país, a partir do séc. XVI, em que se registou uma série de epidemias, umas mais devastadoras do que outras. Largas dezenas de povoações adotaram-no como defensor e muitas igrejas, capelas e ermidas o tomam por orago; é padroeiro de mais de uma centena de freguesias portuguesas.

Assim chegamos a Santa Maria da Feira que o venera como padroeiro e no seu feriado municipal de vinte de janeiro tem uma forma peculiar de celebrar o Santo Mártir Sebastião com a realização da Festa das Fogaceiras cujo início remonta ao ano de 1505 quando a região foi assolada por uma “epidemia brava e cruel”, a peste. Os Condes do Castelo e da Feira apelaram ao santo, implorando o fim do morticínio que abalou muitas das famílias feirenses, prometendo a realização de uma festa anual, onde o “voto” seria a “fogaça”. Portanto, supõe-se que a fogaça já existiria antes do cumprimento do voto. Com efeito, as primeiras referências conhecidas aparecem nas “Inquirições na Terra de Santa Maria” de D. Afonso III (1254/1284), sendo, a fogaça, utilizada para pagamento de foros, como encargo permanente.

O Condado do Castelo e da Feira extinguiu-se no ano de 1700 por falta de descendência: mas a Festa das Fogaceiras realizar-se-ia interruptamente até ao ano de 1749, promovida pelos nobres e senhores das Terras de Santa Maria da Feira e por iniciativa das famílias mais abastadas do concelho. Nos quatro anos seguintes (1749/1753) não se cumpriu o voto nem se fez a Festa, que ficaria suspensa até ao surgimento de novo surto de peste, vindo a ser reata-

da a tradição em 1753. Por alvará de 30 de julho desse ano, o Infante D. Pedro, irmão de D. João V, determinou, justificando com a vontade do povo e a existência imemorial do voto, que a Câmara Municipal assumisse definitivamente a realização da “Festa das Fogaceiras”. Mais tarde, por deliberação de 15/7/1939, a Câmara Municipal retomou a responsabilidade da organização e realização da Festa das Fogaceiras, surgindo como atribuição assumida pela autarquia de Santa Maria da Feira e que continua a celebrar-se ano após ano. Ininterruptamente.

A “fogaceira” e a “fogaça” constituem um binómio indissociável da Festa e quase se pode dizer que sem uma dessas componentes não há Festa. Fogaceira é a donzela honesta e sem maldade, vestida e calçada de branco, com faixa colorida enrolada à cintura, que transporta à cabeça a fogaça do voto que não é mais do que um pão doce de trigo típico e originário das Terras de Santa Maria, nada de conventual mas popular, que tem o formato estilizado da torre de menagem do castelo com os seus quatro coruchéus que coroam os torreões situados em cada um dos cantos desta torre.

Parecendo fugir aos cânones aceites e que definem a fogaça como o bolo ou presente que se oferece à capela ou à igreja (orago) em festas populares e que depois é vendido em leilão, a fogaça de Alcochete, que dizem ultrapassar já os seiscentos anos de existência, que não traz atrás de si o cumprimento/realização de um qualquer voto/promessa e que mais não é do que um bolinho tradicional da região que lhe conferiu o epíteto, é de massa doce e achatado que pode tomar várias cambiantes. Já a fogaça de Santa Maria da Feira toma a forma de uma artesanal pirâmide cônica truncada com as suas quatro torres rasgadas a cortes de tesoura, antes da entrada no forno previamente aquecido, é mais imponente. Ambas utilizam os mesmos ingredientes, a preparação/confeção da massa é outra...e o resultado ressalta à vista: sem comparação! [Como não há duas sem três, abra-se um parêntesis para se falar da fogaça de Palmela, também ela surgida no cumprimento de uma promessa, assumindo

a forma variada de ex-votos, conforme o pedido de proteção, feito a Stº Amaro, para a saúde, as colheitas e o gado.

Aqui, a Fogaça, toma a forma de biscoito aromático, de sabor inconfundível (note-se que nos ingredientes é utilizada uma dose de aguardente vínica da região) e está enraizada nas tradições culturais e religiosas das gentes de Palmela, sendo presença obrigatória em mesas de festa.

No dia 15 de janeiro, consagrado a Stº Amaro, na Igreja matriz, são benzidas e depois oferecidas ao santo como pagamento de promessas, sob a forma estereotipada condizente com o propósito a que se destinavam, conforme a forma da graça pretendida e recebida].

Retomando a Fogaça de Santa Maria da Feira:

Ontem como hoje, (primeiro, da casa dos Condes do Castelo, depois da casa dos nobres mais influentes que chamaram a si a realização da Festa para cumprimento do voto, atualmente a partir da Câmara Municipal) é organizado, de manhã, um cortejo que sai dos Paços do Concelho em direção à Igreja Matriz para a bênção das fogaças; nele se integram as “Fogaceiras”, as tais donzelas honestas, vestidas de branco com uma

faixa colorida na cintura, em representação de todas as freguesias do concelho, transportando à cabeça as fogaças do voto, enfeitadas de papel de prata de diversas cores e recortado com as estereotipadas ameias do castelo.

À tarde, com os mesmos intérpretes, imponente procissão, onde não falta o andor do padroeiro e mártir S. Sebastião, sendo desta maneira encerradas as festividades, conhecidas por Festa das Fogaceiras, para pagamento do voto feito ao santo mártir. Foi assim, em traços essenciais, que a mesma chegou aos dias de hoje: o cumprimento do voto celebra-se com a bênção das fogaças na Igreja Matriz e a imponente procissão, percorrendo ruas da cidade, constituindo uma referência histórica/cultural das gentes das Terras de Santa Maria, funcionando como símbolo de união e de unidade coletiva. Assim se cumpre o pagamento do voto ao mártir S. Sebastião através de um ritual a que o folclore não anda alheio. O vinte de janeiro constitui, pois, assinalável referência histórica e cultural das Terras de Santa Maria e suas gentes. Refira-se ainda que as “fogaças do voto” eram, a princípio, distribuídas pela população, pelos pobres e presos depois e pelas figuras do concelho, em fatias

chamadas “mandados”. Hoje são entregues às autoridades religiosas, políticas e militares, forças vivas atuantes no Município de Santa Maria da Feira.

Hoje, a fogaça é cozida diariamente e comercializada ao longo do ano. Há quem o faça com dedicação, por amor. Mas como me dói a alma ao ver quão maltratada é quando se visa unicamente o lucro. Há por aí tanto “rei da fogaça” que deveria ter vergonha em apresentar essa emblemática obra-prima da doçaria feirense tão escamoteada e vilipendiada em feiras ou aglomerações/festividades religiosas.⁽²⁾

Manda a tradição que, por altura das Festas, quando a fogaça adquire o seu verdadeiro e criterioso sabor, os feirense presenteiem os seus familiares e amigos que se encontram afastados e dispersos por esse mundo fora. Eu continuo à espera de ser um dos felizes contemplados, enquanto isso, e sempre que passo por terras de Santa Maria, não esqueço de a levar comigo.

Ano após ano se cumpre o voto e se celebra o ritual com a merecida pompa e circunstância, tornando viva a ancestral tradição feirense. O ano de 2019 não constituiu exceção: cumpriu-se o voto em ambiente de solenidade e devoção.

(1) Texto elaborado e fundamentado com recurso a páginas/sites da Internet

(2) Pelo Despacho do Ministério da Agricultura e do Mar n.º 9532/2015 de 14 de agosto foi atribuído o registo de ‘Feira’, como Indicação Geográfica (IG) para a Fogaça, (Cf. DR, 2ª série, n.º 163, de 21 de Agosto de 2015). Uma certificação regulamentada pela EU atribuída a produtos gastronómicos tradicionalmente produzidos numa região e a ela associados, obedecendo às características e requisitos fixados no despacho acima referido. Essa classificação garante que os produtos foram produzidos na região que os tornou conhecidos e cujas características, qualidade e modos de confeção estejam de acordo com as tradições que os tornaram/fizeram populares.

A Comissão Europeia reconheceu a denominação “Fogaça da Feira” como Indicação Geográfica Protegida (IGP) tendo sido registada ao abrigo do Regulamento da Comissão (UE) 2016/930, de 1 de junho de 2016,

TESOURARIA JULHO / SETEMBRO 2019

N.º	Nome	Conta	Montante	N.º	Nome	Conta	Montante
3208	António Carlos Gomes Pinheiro	QUOTAS	25,00 €	822	Francisco Sousa Martins	QUOTAS	20,00 €
2724	António Alberto Vieira Monteiro	QUOTAS	25,00 €	TOTAL			
1536	Manuel Fernando Vale Lima	QUOTAS	20,00 €	310,00 €			
1364	José Sousa Pereira	QUOTAS	100,00 €	DISTRIBUIÇÃO DE “LEVADOS POR UM SONHO”			
1364	José Sousa Pereira	QUOTAS	100,00 €	Distribuídos até 30-09-2019		401	8.020,00 €
3248	João Pereira Ribeiro	QUOTAS	20,00 €	Ofertas		51	0,00 €
				Para distribuição		68	

PAGAMENTO DE QUOTAS E OUTROS ATOS DE TESOURARIA

Efectuar Transferência para :

PT50 0035 2008 0003 8874 9303 5

Não esquecer: Indicar no Descritivo: Nome completo ou n.º de Ás

Ou Depósito na conta (numa Agência da CGD):

N.º 2008 038874 930

'RELVAS', Exames aos Domingos e ...

Custódio Coelho - Godim 1957

Era uma vez...uma Companhia de caçadores: não de caça grossa ou fina nem dos que só caçam no prato...

Caçadores... sabe-se lá porquê: companhia militar com cerca de cento e cinquenta homens, comandante (capitão) coadjuvado por quatro alferes que, por sua vez, tinham a seu cargo três sargentos, cabos, soldados; mais o "staff" de apoio (arame).

Pois, como ia dizendo, neste conjunto de homens muitos eram analfabetos e se fossem madeirenses seriam oitenta por cento.

Com boa vontade formam-se as escolas regimentais: um professor (furriel com jeito para...), um presidente (alferes), que será o responsável e interlocutor com o delegado escolar civil.

Começam as aulas... finalidade: ensinar as primeiras letras e tirar o diploma da quarta classe.

Professor dirige-se ao presidente para que trate da parte burocrática (uma data, sala oficial e um professor/a para constituir o júri), uma parte dos alunos estão prontos para exames.

Delegado escolar contactado. Sala pronta (missão católica feminina), uma professora estranha à companhia militar.

Dia combinado, alunos nas carteiras e júri composto (Presidente-alferes, Professor-furriel e Professora delegada).

Prova escrita, tudo corre às mil maravilhas. Prova oral: problemas-cadeiras do júri: o presidente (alferes) insistia que ao centro ficaria a Sr.^a Professora Delegada; mas o furriel insistia, professores um de cada lado, no centro o presidente. Depois de um momento embaraçoso chega-se a um acordo: furriel ganha.

Começam as provas orais... corre tudo certinho... todos aprovados... toda a minha gente contente...

Chamo a atenção ao furriel para a desconsideração que fez à Sr.^a Professora. Retorquiu-me mostrando a palma da mão onde estavam os nomes dos alunos e a página do livro onde cada um ia ser interrogado.... Daí ele querer ficar longe da professora delegada.

Como se vê, por este exemplo, que já nos anos setenta havia os métodos "relvas"... exames aos domingos... era de outra maneira..., mas era... eficiente.

NOTÍCIAS TRISTES...



P. Alberto Rodrigues da Silva Camboa

Natural de Coteça/Ovar, onde nasceu a 1 de fevereiro de 1928, entrou no Seminário de Godim no ano letivo de 1941/42, tendo prosseguido e completado os seus estudos e formação missionária nas diversas Casas da Congregação. Fez a sua profissão religiosa a 8 de setembro

de 1949, tendo sido ordenado presbítero na Sé de Lisboa, pelo Cardeal Cerejeira em 29/6/1955; de seguida, partiu em missão para Espanha, onde fundou a comunidade de Paredes de Nava/Palência, onde permaneceu pelos nove anos seguintes.

Em 1964, foi nomeado para Angola, tendo sido colocado na Missão do Soyo, onde desenvolveu a sua atividade missionária, durante três anos. Em 1967, foi transferido para Cabinda, onde trabalhou como Diretor do Seminário e da Missão, onde permaneceu durante 22 anos. (Vários bispos Angolanos são originá-

rios daquela missão: D. Paulino Madeka, D. Franklim da Costa, D. Franklim Damião e D. Puati).

Os anos de 1974 e 75 foram particularmente difíceis, com grande oposição à Igreja. Quando inquirido pelos opositores cubanos, respondia que a sua documentação era a batina branca.

Em 1991, no ano do centenário da Missão, esta passaria para o cuidado do clero diocesano. O P. Alberto Camboa permaneceu algum tempo para fazer a transição e passagem de testemunho. Foi Vigário Geral da Diocese durante vários anos.

Em 1992, foi colocado na Missão de Lândana, que havia sido fundada pelo P. Duparquet que, por ter sido a primeira, mereceu o nome de mãe de todas as missões de Angola.

Em 2005, quando a Diocese atravessava um período de crise, foi nomeado encarregado da Diocese.

Em 2015, regressou a Portugal, por motivos de saúde, sendo colocado na comunidade de Fraião / Lar Anima Una, onde o Senhor o chamou a si, na madrugada do dia 17 de agosto de 2019, contava 91 anos de idade. Foi a sepultar em Cortegaça, sua terra natal.

Sentidas condolências à Congregação e a seus familiares. Que o Senhor o acolha em seu seio de Vida eterna!

Por informação de familiares próximos e/ou por devolução do Boletim UNIASES com a indicação de "falecido", tivemos conhecimento do óbito de:

AS 2341 – Salvador Ferreira Dias

Natural de Astromil/Paredes, nascido em 28 de junho de 1943, faleceu em 27 de outubro de 2018 em Campo/Valongo com a idade de 75 anos. Do Curso de 1955/56 em Godim. (Comunicação da parte de sua filha, Fátima Dias)

Ivone Gonçalves Esteves

Faleceu no dia 8 de Junho, com 86 anos, em Vila Nova de Gaia. Era esposa do AA José Sousa Pereira (Godim/37), que sempre acompanhava, enquanto tinha saúde, nos nossos encontros, nomeadamente nos da Torre d'Aguilha e nas Magnas no Fraião.

QUE DESCANSEM NA PAZ DO SENHOR! SENTIDOS PÊSAMAS A TODOS OS FAMILIARES.

ESTANTE VIAJAR PERDER PAÍSES

Joaquim Moreira



É de Fernando Pessoa a frase, um verso do ortónimo, e pode vir a propósito num tempo em que viajar é cada vez mais corriqueiro, viaja-se por tudo e por nada. Quantas vezes, para nada. De Fernando Pessoa é também outra frase – Para viajar basta existir – e tudo se conjuga para repararmos que o Poeta tem da viagem ou das viagens uma ideia muito particular, pouco a ver com viagens de catálogo ou de pacote financeiro, antes viagens pela imaginação, poéticas, virtuais, afinal aparentemente actualizadas se associadas à infinitude das incontornáveis redes electrónicas. Não me lembro de ter Pessoa falado de viagens à volta do quarto, mas até isso é possível, fê-lo Xavier de Mestre e citou-o Almeida Garrett no seu pequeno-grande passeio Tejo acima. Há viagens para todos os gostos, a pé, por água, pelo ar, pelos mapas, pelas paredes brancas do tecto, pela imaginação. O saudoso saraiva pantomineiro mor do reino também se fartou de viajar à conta da televisão e mostrou-nos bastante do nosso sempre ignorado país. A mesma televisão presenteou recentemente o seu público com “inesquecíveis viagens de comboio”, reportadas por jornalista francês. É abundante a literatura de viagens e talvez valha a pena dedicar-lhe uma estante.

A ideia começou na leitura de dois despreziosos livros editados pela ASA, o NIASSA, de Francisco Camacho, e o FIM DE IMPÉRIO, de António Vieira. O primeiro com personagens “civis”, o segundo mais militar, em ambiente de guerra colonial. O Niassa em contexto de pós-descolonização, o Moçambique de Samora Machel,

ainda a guerra civil com a Renamo a norte e um “retornado” que, quando menos o pensava, regressa aos lugares mágicos do enorme lago Niassa, que tinham sido seus, à procura de um irmão que como outros por lá resistira e continuara e que tinha sido dado como desaparecido. Uma narrativa limpa, sóbria e segura, personagens à justa, tudo a bater certo, uma viagem à África misteriosa, viagem maravilhosa, a por vezes triste realidade de Moçambique à lupa, aspectos de narrativa policial sem solução à vista, o que interessa é a rendição à magia da terra, do lago, o Garcia mais novo até fica com a namorada do desaparecido Garcia mais velho e a vida continua. O Fim de Império fala da guerra através da análise de um alferes médico para ela mobilizado, Nicolau, um homem com paixão pela literatura, que da vida toda fazia literatura, e agora, com outras personagens do momento, apreendia a triste e trágica realidade de uma Angola em transição para outra coisa, daí o fim do império, “migramem que se desmoronava”.

Vieram depois, como que por contágio e inércia, outras viagens e outros autores de viagens, verão de variadas viagens, apetece repetir que toda a literatura é de viagem. Veio o norte-americano Paul Theroux, veio o nosso viajante encartado Gonçalo Cadilhe, veio o francês Olivier Rolin, já aqui referido como autor do METEOROLOGISTA. Todos, de um modo ou outro, ligados a viagens por África. Viagens e mais viagens, mesmo assim uma pequeníssima amostra do muito que sobre o assunto se vai escrevendo por esse mundo fora. De Paul Theroux, hoje considerado mestre no assunto, temos VIAGEM POR ÁFRICA, do Egito à África do Sul, com passagens por Moçambique, e O ÚLTIMO COMBOIO PARA A ZONA VERDE, também último “safari” do Autor, com imprevisto termo logo após a visita a uma Angola que “sai maltratada deste livro”, como maltratados ficam, num e noutro li-

vro, os regimes africanos do pós-colonialismo, autoritarismo, corrupção, materialismo, miséria generalizada, e com as famigeradas ONG espalhadas um pouco por todo o terceiro mundo de África igualmente e fortemente visadas pela sua ambígua, nefasta e aburguesada presença. Neste capítulo, o pouco que resta da actividade missionária tradicional, sobretudo católica, marca pontos com uma acção bem mais presencial, desinteressada, efectiva e afectiva, por algum motivo “a África nos chama(va)”.

ÁFRICA ACIMA foi Gonçalo Cadilhe, do Cabo até Lisboa, em “viagem épica por um continente impressionante”, uma narrativa bem mais ligeira que a de Paul Theroux, mas dando conta de situações parecidas. Como o Autor americano, também o português se demora a saborear as terras onde muita gente foi feliz, a Sá da Bandeira planáltica e saudável, ainda muito bem conservada porque passou bastante ao lado das guerras, o Uganda e o Malawi, onde Theroux fora “missionário” em tempo de generosa juventude. Às vezes até parece que as viagens são romagem de saudade, uma espécie de despedida na grande viagem da vida.

PEREGRINAÇÃO é o título que Olivier Rolin escolheu para um livro que é sentida viagem pelos seus trinta anos de viajante, ditadas apenas pela memória, frente ao mar português de Cascais, vendo os barcos a entrar a barra, agradecido ao bom acolhimento de Portugal e pensando no Fernão Mendes Pinto da nossa Peregrinação, o mais inefável viajante português.

E agora que o verão vai dando lugar aos primeiros frios, talvez ganhe mais força a frase de Pessoa para viajar basta existir, até porque, por isto ou por aquilo, mais por isto que por aquilo ou vice-versa, não está fácil para a grande maioria viajar doutra maneira. Porque existir é viajar, até as religiões lembram que a vida é uma viagem. Breve.

UNIASES - CGD - BARCELINHOS

MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA:

A.Carvalho-UNIASES
Apartado 1098
4710-908 BRAGA

CONTACTOS

ases@portugalmail.pt

Presidente:

969 690 551 / 214 445 827
alberto.r.melo@netcabo.pt

Tesoureiro:

919 441 970 / 253 951 257
cunhapintobraga@sapo.pt

IBAN PT50 0035 2008 0003 8874 930 35

CONTA Nº 2008 038874 930

Simplifique a sua participação para as Quotas - Fundo de Solidariedade - Bolsas - Jornal...
No Descritivo escreva nome completo ou Às n.º _____